

# As lágrimas e o historiador: uma leitura de *Guerra Judaica*\*

The tears and the historian: a reading of *The Jewish War*

---

## Alex Degan

Professor Assistente  
Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)  
alexdegan@yahoo.com.br  
Avenida Dr. Odilon Fernandes, 420/501B - Centro  
Uberlândia - MG  
38010-105  
Brasil

---

## Resumo

Este artigo analisa e problematiza as ligações construídas entre a historiografia clássica e o historiador judeu Flávio Josefo, destacando tal problemática nas estruturas do livro *Bellum Judaicum*. Tal exercício pretende refletir as complexas relações intelectuais arroladas no Mediterrâneo romano.

## Palavras-chave

*Bellum Judaicum*; Flávio Josefo; Historiografia clássica.

21

## Abstract

This article analyses and rethinks the connections built between the classical historiography and the Jewish historian Flavius Josephus, emphasizing the problematic in the structures of the book *Bellum Judaicum*. This exercise intends to debate the complex intellectual relations that took place in the Roman Mediterranean.

## Keywords

*Bellum Judaicum*; Flavius Josephus; Classical historiography.

---

Enviado em: 29/04/2010  
Autor convidado

---

\* Parte deste texto foi enviada para o 3º Seminário Nacional de História da Historiografia, 2009, Mariana (UFOP).

*Não discutirei com os críticos severos a respeito da emoção.  
Que atribuam os fatos à História e as lágrimas ao historiador.  
(GJ: I, 12)*

Nosso objetivo neste artigo é apresentar as particularidades da produção historiográfica de Flávio Josefo, centrando nossas observações no livro *Guerra Judaica*. Para tanto pretendemos analisar as relações construídas no texto com as características do gênero “História” na cultura literária greco-romana da época, ressaltando as características mais importantes do livro.

### Os escritos<sup>1</sup>

De imediato, seria interessante apontar a posição da *Guerra Judaica* nos escritos de Josefo. Entendemos que elas, de forma geral, se equilibram em duas direções (LAMOUR 2006, p. 103). Suas obras iniciais, *Guerra Judaica*<sup>2</sup> e *Antiguidades Judaicas*,<sup>3</sup> manifestam sua ambição em ser um historiador que responde aos modelos clássicos, assim como representa uma vontade em restituir um lugar honrado aos seus compatriotas, visto que narra a história de uma grande guerra e de uma antiga etnia. Particularmente em *Antiguidades Judaicas*, sua obra mais extensa, organizada em vinte livros que consumiram cerca de dez anos de trabalho, essa riquíssima relação entre os modelos clássicos e a honradez judaica aparece de forma clara. Sua estada em Roma, gozando dos privilégios da corte Flávia, aprofundou seus conhecimentos dos valores e das características da literatura clássica. Encontrou em Dionísio de Halicarnasso um modelo adequado aos seus intentos literários:<sup>4</sup> os mesmos vinte livros estruturam as duas obras, próximas também pelos títulos, *Antiguidades romanas* de Dionísio, *Antiguidades Judaicas* de Josefo. Dionísio também procurou interpretar o fenômeno “Roma”, relacionando as conquistas latinas como uma espécie de continuação da epopeia helena. A interpretação de Josefo,<sup>5</sup> assentada na tradição profética da *TaNaCH*, reservou para os romanos o papel de instrumentos divinos, dignos de figurar na história judaica como estruturas punitivas. Próximo de Jeremias, o Império Romano de Josefo se assemelha com a representação dos babilônicos feita pelo profeta.

Seus derradeiros escritos são mais complexos e contraditórios. *Contra Apíão*<sup>6</sup> apresenta-se mais militante que seus textos anteriores, abordando a originalidade da Lei judaica e o seu judaísmo em detalhes empolgantes.

22

<sup>1</sup> Vamos adotar as seguintes abreviações para os escritos de Josefo: GJ para *Guerra Judaica*, AJ para *Antiguidades Judaicas*, CA para *Contra Apíão* e Vita para *Autobiografia*.

<sup>2</sup> Primeiro trabalho escrito por Josefo, que provavelmente iniciou suas notas ainda na condição de cativo. Embora ele nos diga que trabalhou em outra versão, escrita em aramaico, o texto que chegou até nós foi registrado em língua grega. Estima-se que a edição grega tenha aparecido no final do reinado de Vespasiano, entre 75 e 79.

<sup>3</sup> Obra extensa, composta por 20 tomos, que trata desde as origens do povo hebreu até o início do levante de 66-70. Sua publicação se deu em torno de 94 e 99.

<sup>4</sup> Sobre as relações de Josefo com Dionísio de Halicarnasso, ver Thackeray (Introduction, Books I-IV, p. IX); Villalba I Varneda (1986, p. 64-67, 207-208, 249); Lamour (2006, p. 49-50).

<sup>5</sup> Mais propriamente presente em *Guerra Judaica*.

<sup>6</sup> Obra que faz uma apologia do judaísmo. Escrita como resposta às críticas de intelectuais helenistas que questionavam a antiguidade dos judeus, procurando responder calúnias e acusações antisemitas, provavelmente foi publicada posteriormente aos textos do *Bellum Judaicum* e *Antiguidades Judaicas* (entre 94 e 99).

*Autobiografía*,<sup>7</sup> seu livro mais controverso e depreciado, separa-se ainda mais de seus escritos “históricos”: mal-escrita e repleta de contradições (em comparação com seus escritos anteriores), esta obra oferece grandes possibilidades para refletirmos sobre as lembranças de Josefo, assim como seus ressentimentos e compromissos, todos imbricados em sua tarefa de lembrar, escrever e narrar. O que une todas as suas obras se encontra em uma genuína preocupação em registrar a capacidade de resistência e a vitalidade cultural dos judeus, restituindo uma nobreza à nação derrotada. Respondendo ao antijudaísmo literário, crescente desde o último quartel do século I a.C. e presente em autores como o gramático alexandrino Apião (que, segundo Josefo, acusava os judeus de constituírem uma raça de “leprosos impuros”, CA: I, 227-232), os poetas satíricos Marcial e Juvenal e o sóbrio historiador Tácito (no livro V de suas *Histórias*), seus escritos procuram demonstrar a antiguidade da história judaica, conduzida por grandes líderes e invejável em suas contribuições para a civilização, de certa forma com um espírito semelhante ao de Berosso, em *Babiloniaca*, e Maneton com *Egipciaca*.

Conscientes dessas formulações gerais sobre os textos de Josefo, pretendemos agora centralizar nossa análise em *Guerra Judaica*.

### A Guerra Judaica

23

*Guerra Judaica* foi provavelmente o primeiro trabalho escrito por Flávio Josefo. Embora ele nos diga que trabalhou em outra versão do texto, escrita em aramaico (GJ: I, 3-5), a versão que chegou até nós foi a registrada em língua grega. Não se pode afirmar com certeza a data de sua publicação, mas estima-se que a edição grega tenha aparecido no final do reinado de Vespasiano, entre 75 e 79 (RAJAK 1984, p. 195). A *Guerra* foi organizada em sete livros de desigual extensão, sendo o primeiro o maior. O intento da obra foi investigar a história dos judeus da Palestina desde os tempos do rei selêucida Antíoco IV Epífanes até a queda de Massada. De todos os livros que compõem a obra, os cinco últimos tratam diretamente dos anos da guerra, com dois deles específicos ao cerco de Jerusalém.

Por tratar da ancestralidade do judaísmo rabínico e do cristianismo, Flávio Josefo pode ser considerado um privilegiado devido ao grande número de cópias de seus textos que foram preservados (HADAS-LEBEL 1991, p. 269). Já no século II, o uso de Josefo pelos cristãos primitivos é percebido, iniciando uma “vida cristã” que ainda lhe pesa, circulando entre ilustrados dos primeiros anos da Igreja. Somente no século X a tradição judaica voltou a se interessar por Josefo. Provavelmente no sul da Itália, um manuscrito hebraico chamado *Sefer Yosippon* apareceu, sendo atribuído ao pensador antigo Hegesipo (LAMOUR 2006, p. 140). Hoje a crítica observa (HADAS-LEBEL 1991, p. 263) que do *Yosippon* surgiram outras cópias judaicas de Josefo em árabe, ladino, iídiche, alemão, inglês e línguas eslavas. De qualquer forma, seja na tradição cristã ou judaica, a

<sup>7</sup> Aparece como um apêndice, talvez sendo acrescentado em alguma outra edição de suas obras posteriores. Publicada em 94 e 100.

sobrevivência de Flávio Josefo se deu por ação de copistas medievais, com cerca de 120 manuscritos conhecidos.

Excetuando a primeira versão aramaica da *Guerra*, Josefo escreveu sistematicamente em grego, manifestando um profundo trabalho intelectual que desejava se vincular aos círculos eruditos e literários das elites ilustradas do Império. Refletindo certo prestígio, Eusébio (*História eclesiástica*: III, 9) registrou que suas obras estavam depositadas nas bibliotecas públicas e privadas em Roma, assim como o grande número de cópias medievais que foram produzidas no antigo oriente romano sugere que ele deveria ser apreciado nessa região do Império.

Sem se preocupar em construir uma crônica descritiva do levante judaico, Josefo voltou no tempo para esclarecer as causas do conflito, iniciando seu relato quando terminam os registros feitos pelos profetas e historiadores da Antiga Judeia. O livro I começa com um proêmio contendo considerações sobre a organização da obra e o ofício de historiador, passando pelas rivalidades entre os judeus palestinos e os selêucidas, o levante dos Macabeus, a dinastia dos Hasmoneus, o início das intervenções dos romanos na Judeia e terminando com uma descrição do reinado de Herodes. O livro II se prende nas causas imediatas da guerra, debatendo sobre a falência administrativa dos herdeiros de Herodes, o governo direto de Roma, a corrupção dos governadores e procuradores, assim como o início da insurreição entre os judeus. O livro III inaugura o relato dos acontecimentos da guerra propriamente dita, centralizando os acontecimentos em torno de quatro personagens: o experiente general Vespasiano, seu vigoroso filho Tito, o rebelde inescrupuloso João de Giscala e o próprio Flávio Josefo, com sua mudança de sorte. Com a descrição da queda de Jotapata e da captura de Josefo entendemos que a narrativa sofre uma virada: Jotapata marca a ruptura entre o general rebelde e o liberto Flaviano. O livro se encerra com a conquista da Galileia e a famosa predição de Josefo ao general Vespasiano. O livro IV começa com a marcha até Jerusalém, com o início do sítio, a descrição da crescente divisão entre os partidos judeus sitiados na cidade e a elevação de Vespasiano ao trono do império. Os livros V e VI tratam do cerco e da tomada de Jerusalém por Tito, assim como a guerra civil entre três grupos de rebeldes judeus (João, Simão e Eleazar). Os livros também oferecem uma descrição detalhada do exército romano, dos estragos provocados pela fome entre os judeus, do penoso sítio para ambos os lados e da destruição do Templo pelos romanos. O derradeiro livro, VII, se estende sobre as consequências da queda de Jerusalém, o destino reservado aos vencidos, a resistência e o dramático desfecho de Massada.

O título grego que Josefo se referia à *Guerra* (*AJ*: XX, 258; *Vita*: 412) ficou registrado como *PERÌ TOÛ IOUDAIKOÛ POLÉMOU*, o que, como foi observado por Henry St. John Thackeray (2000, p. 19), pode ser traduzido como *A guerra contra os judeus*. Já no título do trabalho está expressa uma visão romana do conflito, o que reforça a ideia do compromisso de seu autor com a tradição historiográfica greco-romana e com o Flaviano. Entretanto,

mesmo com a explícita dependência do ponto de vista romano, Josefo não vacilou quanto à sua origem judaica, que ele afirmava ser motivo de orgulho.

### As fontes e os motivos

Sobre as fontes que Josefo utilizou para escrever a *Guerra* sabemos apenas que muito da obra foi escrita tendo por base suas anotações pessoais, que ele diz ter coletado com sobreviventes, dissidentes judeus e em impressões colhidas no acampamento romano durante o cerco de Jerusalém. Encontramos elementos para afirmar que Josefo utilizou largamente da tradição oral e de suas memórias (pois foi uma testemunha dos eventos que narra) para compor a *Guerra*, características que o aproximam de Tucídides, seu grande modelo grego. Mas a precisão de algumas descrições que Josefo faz, muitas confirmadas pela arqueologia,<sup>8</sup> e certas interpretações de fatos sugerem que ele tenha utilizado outras fontes. Para Rhoads (1976, p. 15) suas censuras aos procuradores romanos podem indicar que nesse caso ele se valeu de escritos judaicos que criticavam a administração imperial direta. Já suas impressionantes descrições das campanhas romanas e da organização das Legiões apontam para o uso de documentos militares romanos (HADAS-LEBEL 1991, p. 145), pois suas observações são precisas. Josefo por três vezes (*Vita*: 342 e 358; *CA*: I, 56) menciona a existência de uma espécie de *comentários* de Vespasiano sobre a guerra, revelando seu conhecimento de fontes romanas. Para a descrição do triunfo romano, assim como para a tomada de Massada, ele pode ter se valido de fontes romanas, embora Rhoads indique que, ao menos no caso de Massada, temos espaço para sua imaginação (RHOADS 1976, p. 16).

Por sua estreita ligação com a dinastia Flaviana, que lhe concedeu a cidadania romana e uma pensão estatal, a *Guerra* costuma ser entendida como uma obra de encomenda. Todavia, não podemos ignorar que os judeus habitantes do Império deveriam estar interessados em histórias ou crônicas da guerra. Essa presença, principalmente das comunidades de Alexandria e das regiões orientais do Império, despertou em Josefo uma preocupação com o risco de um novo levante: era necessário fazer conhecer a loucura judaica e a supremacia romana no conflito na tentativa de dissuadir qualquer novo foco de rebelião. No tomo III, depois de uma longa e detalhada descrição do exército romano, Josefo sentenciou:

Detive-me nisto tudo não com o propósito de elogiar os romanos, mas sim para consolar os vencidos e para desencorajar outras tentativas de insurreição. (*GJ*: III, 108-109).

<sup>8</sup> Uma pequena, mas muito interessante introdução ao uso que a moderna arqueologia palestina faz de Josefo é feita por Per Bilde (1988, p. 198-199). Sobre o caso específico de Massada, o relato de Yigal Yadin (1998) é clássico por estabelecer ligações íntimas entre os textos da *Guerra* e as escavações. Ainda sobre as escavações dirigidas por Yadin em Massada e Josefo, ver Hadas-Lebel (1995) e Vidal-Naquet (1996, p. 49-64).

Nessa direção, a personalidade de Flávio Josefo se enquadrava em quase todos os requisitos para redigir o relato oficial do conflito, funcionando como um agrado aos Flavianos (HADAS-LEBEL 1991, p. 244). Suas origens sacerdotais e reais atestavam sua nobreza diante dos judeus. Seu testemunho pessoal, conhecimento íntimo das ideias judaicas e sua aliança com a dinastia Flávia legitimavam seus escritos perante os romanos. Além disso, seus sentimentos pessoais e amarguras contras os líderes populares judeus, garantiram uma interpretação distante desses anseios. Mesmo assim, encontramos em seus textos uma série de excertos que descrevem a desconfiança com que eles foram recebidos por alguns leitores, desembocando nas acusações de traição que lhe envolvem até hoje. Podemos supor que ele já sofria com essas acusações, embora Goodman (1994, p. 333) se empenhe em demonstrar que sua figura na corte poderia representar uma garantia de prestígio aos judeus de Roma. No tomo III, logo no início do capítulo que narra a queda de Jotapata e sua captura pelos romanos, Josefo diz:

Quanto a ele (*Josefo, ainda descrito como general da Galileia*), apesar de esperar conseguir o perdão dos romanos, antes tivesse preferido sofrer a morte que trair sua pátria e abandonar vergonhosamente sua missão. (*GJ*: II, 137-138).

Outra informação que nos permite identificar esse incômodo que nosso autor sente como também reforçar sua correspondência com seus modelos clássicos é a sua preocupação em desacreditar os relatos antecessores que se ocuparam de narrar a guerra. Soando como um eco de Tucídides, essa recusa manifesta não só seu desprezo pelos outros autores, mas também a vontade ativa do historiador judeu em realizar um relato verídico dos acontecimentos. Josefo acusava seus predecessores de não terem compromisso com a verdadeira narração dos fatos, relatos que ele constantemente qualificava de *mentirosos* e *contraditórios* por dois motivos: ou estavam ocupados em narrar acontecimentos que não tinham vivido, ou se viam preocupados demais em bajular os romanos e deturpar a imagem dos judeus. Em sua visão seu relato foi o único que conseguiu oferecer uma narrativa coerente, pois esteve envolvido intimamente nos dois lados do conflito e foi testemunha dos grandes acontecimentos da guerra. Assim ele coloca no prólogo da *Guerra*:

Porém, dos que escreveram sua história (*da guerra*), alguns, que não haviam tomado parte na ação, recorreram aos boatos casuais e contraditórios, e os editaram seguindo o estilo dos sofistas; outros, que foram testemunhas dos eventos, os alteraram para adular os Romanos ou por ódio aos Judeus, deturpando os fatos, seus escritos exibiam uma invenção e um panegírico, mas nunca um relato histórico apurado. (*GJ*: I, 1-2).

Na *Autobiografia* essa questão reaparece com Josefo respondendo acusações feitas por Justo de Tiberíades, um antigo desafeto dos tempos da campanha na Galileia que, refugiado na corte do rei Agripa, publicou uma versão distinta de guerra:

Chegando a este ponto de meu relato, quero fazer breves considerações sobre Justo, que também escreveu acerca destes mesmos acontecimentos, e sobre alguns outros relatos que, ainda assegurando que escrevem história, pouco se preocupam com a verdade e, por ódio ou parcialidade, não vacilam em mentir. Atuam de modo parecido com os falsificadores de contratos, mas como não temem castigos, desprezam a verdade. Assim Justo, ao se dispor a escrever a história desta guerra, para aparecer enquanto homem trabalhador, caluniou-me e tampouco disse a verdade sobre sua cidade natal. Por isto, sentindo-me obrigado a defender-me de seus falsos testemunhos, vou dizer o que até agora calei. E que não se estranhe o tempo que demorei em falar, pois ainda que o historiador deva falar sempre a verdade, também possui o direito de não se mostrar impiedoso denunciando as maldades de alguns indivíduos, não por benevolência para com eles, mas sim para manter sua própria moderação. (*Vita*: I, 336-339).

Observamos ainda um desejo em produzir uma obra didática e moralista, desencorajando outros levantes judaicos, mas também que devolvesse nobreza ao seu país e ao seu próprio passado. Tanto é verdade que, no Preâmbulo da obra, Josefo se esforça em qualificar sua função como historiador devido à grandiosidade do conflito narrado:

A guerra dos judeus contra os romanos – a maior das guerras não só de nosso tempo, mas, de certo modo, de todas aquelas que, segundo a tradição, ocorreu entre cidades e nações [...]. Nestas circunstâncias, eu, Josefo, filho de Mathias, judeu de nascimento, natural de Jerusalém, sacerdote e que inicialmente tomei parte na guerra contra os romanos, me propus a contar em grego essa história para uso dos que vivem sob a hegemonia dos Romanos, traduzindo a obra que anteriormente eu havia escrito no meu idioma materno. (*GJ*: I, 1-2).

27

É impressionante a proximidade de Josefo para com os escritos de Tucídides neste caso. Na análise de Anna Lia Amaral de Almeida Prado (1999, XX),

A longa frase com que Tucídides inicia a História da Guerra do Peloponeso mostra-nos o historiador no momento da eclosão do conflito. Entretanto, imediatamente depois, dá-se uma mudança radical de ponto de vista, pois a frase seguinte, “Esta foi a maior comoção para os helenos e para uma parcela dos povos bárbaros” (I, 1, 2), exprime um julgamento *ex eventu*. Tanto no prognóstico quanto no julgamento *ex eventu*, está implícita uma tese: A Guerra do Peloponeso foi maior que todas as já havidas.

A mesma colocação pode ser feita a Josefo. Dobroruka (2001, p. 30-31) entende que tal escolha se deve a grande popularidade que Tucídides gozava na Antiguidade. Contudo entendemos que, aos olhos de Josefo, as destruições do Templo, de Jerusalém e da sociedade judaica palestina representaram catástrofes incomensuráveis. O historiador tinha um evento colossal para se ocupar, e seus escritos indicam sinceridade em sua preocupação em corresponder à grandiosidade do objeto.

Ainda nessa direção, podemos aproximar outra qualificação feita por Josefo de sua obra com a justificativa posta por Júlio César no início de sua *Guerra das Gálias*. Josefo também reconhece que a grandiosidade dos acontecimentos por ele narrados já afiançam a necessidade de redigi-lo: “Julguei, portanto, que seria

absurdo deixar perder-se, com indiferença, a verdade sobre os acontecimentos de tamanha amplitude" (GJ: I, 6).

Thackeray (2000, p. 17, 21-22, 66-75) procurou demonstrar que essas reminiscências da historiografia greco-romana em Josefo poderiam indicar vestígios dos trabalhos de eventuais secretários gregos de que ele se valeu. Aceita em termos gerais por Schwartz (1990: 36), a *teoria dos assistentes* retira de Josefo qualquer responsabilidade e sucesso na utilização dos estilos e metodologias de autores clássicos. Assim as *proximidades* com Tucídides e Políbio na *Guerra* seriam frutos do trabalho dos secretários de Josefo. Schwartz (1990, p. 38) acredita apenas que Josefo conhecia a obra de Nicolau de Damasco, indicando que a influência de Tucídides também poderia vir deste autor. Thackeray chega a identificar dois estilos distintos: o de Tucídides (THACKERAY 2000, p. 66-75) e o de Sófocles (THACKERAY 2000, p. 75-76). Não acreditamos nessa grande interferência, pois as referências aos gregos apontadas como incrementos dos secretários eram comuns no século I e características essenciais do gênero trabalhado pelo autor. Aceitar tamanha presença dos colaboradores acarretaria escamotear as ligações que Josefo constrói entre a historiografia clássica e a tradição judaica. Sua relação entre uma história política, seguindo de perto a metodologia de Tucídides, com o providencialismo que equilibra a História entre o delicado acordo de YHWH com os judeus, é um traço original. Além disso, como ele afirmou ter estudado grego, seria natural a imitação ou adoção de estruturas dos autores clássicos em seus escritos. Mesmo a ideia de *stasis* não foi adotada tal qual Tucídides, como "um modelo hipocrático de entendimento do funcionamento do corpo político [...] que supõe que as doenças ocorrem em função de um desequilíbrio corporal interno" (DOBRORUKA 2001, p. 33), ou seja, de uma crise da *politeuma* que nasceria dela mesmo, da incapacidade política dos sucessores de Péricles em conduzirem a pólis Atenas. Em Josefo *stasis* também figurou como desarranjo social, mas de uma geração perdida, corrompida e perniciosa. Essa geração, desafiando a benevolência de YHWH, atraiu seu juízo punitivo instalando *stasis* entre os judeus palestinos. A regência divina nos desencadeamentos da História, explicando inclusive a *stasis*, não apareceu em nenhum antecessor grego. Por fim, sobre essa polêmica, concordamos com David Rhoads (1976, p. 16) quando aponta que estamos lidando apenas com conjecturas e que nada nos autoriza a afirmar que a presença dos gregos na *Guerra* não foi obra de Josefo.

Ainda centrados nas estruturas internas da *Guerra* notamos a importância que os discursos de personagens importantes adquirem na obra. Mais um contato entre Josefo e a tradição historiográfica clássica, os discursos demonstram um eficaz recurso literário. Limitando-se à descrição dos fatos, Josefo não conseguiria evidenciar plenamente o sentido de sua História. Através dos discursos, "expressão do pensamento que regia a execução dos atos" (PRADO 1999: XLIX), Josefo animou sua narrativa dos eventos com uma análise do passado tendo o presente e as expectativas de futuros como instrumentos.

Foram nos empolgantes discursos (herança que a História carregou da tradição épica) que o historiador judeu fez conhecer seus juízos. O emprego dos discursos também foi útil em apresentar constantes comparações entre romanos e judeus, debatendo acerca da natureza dos dois povos. Encaixados nos momentos cruciais da *Guerra* os discursos foram empregados como um recurso literário que ressaltava os contrapontos entre os povos envolvidos, ora demonstrando a superioridade romana diante dos povos dominados, ora expressando as peculiaridades judaicas que os qualificam como uma identidade própria e independente, como também sendo o momento no qual Josefo manifestava suas opiniões.

### Os discursos

Em nosso trabalho de análise da *Guerra* procuramos entender a importância dos discursos na obra, identificando a ação de uma cultura oral no mundo antigo, já que a História era tida como um gênero literário do discurso, e como tal estava intimamente vinculada à Retórica. De fato, os discursos adquirem na *Guerra* um lugar de destaque, debatendo as grandes questões e emprestando autoridade e veracidade aos eventos em foco, na medida em que colocavam palavras e ações nas bocas dos personagens mais importantes da narrativa. Os discursos, tal qual um texto de dramaturgia, animam o relato histórico, conferindo à *Guerra* pontas de tragédia. Em nossas leituras da fonte encontramos oito grandes discursos que se destacam pela importância que adquirem na narrativa oferecendo ricos elementos descritivos dos grupos envolvidos nos conflitos, investindo quase sempre em uma retórica da alteridade, e complexas digressões sobre eventos passados, valores morais e posicionamentos políticos.

Discurso de Agripa II (*GJ*: II, 345-401). Nesse discurso temos a figura do rei Agripa II tentando demover os judeus de Jerusalém da opção pelo enfrentamento dos romanos. Agripa debate a natureza do poder romano, o caráter de servidão da Judeia e o favorecimento divino dos romanos.

Discurso de Flávio Josefo aos amotinados em Jotapata (*GJ*: III, 354-382). Diante da capitulação aos romanos, Josefo argumenta aos seus companheiros de esconderijo que a ideia do suicídio é contra os desígnios divinos e que a morte honrosa é a obtida na batalha. Também temos nesse discurso a ideia de sua missão "profética" e do Deus coordenando o destino da história da Judeia.

Discurso de Tito aos romanos (*GJ*: III, 472-484). Primeira digressão essencialmente comparativa na obra. Nesse discurso são contrapostas as habilidades militares romanas e judaicas. A estrutura da narrativa é a da identificação e apresentação dos romanos como um povo experimentado na guerra e bem comandado. Em contrapartida, os judeus estão desamparados de armas e comando, mas possuem audácia e destemperos provocados pela situação de luta pela pátria e família.

Pequena fala de Vespasiano aos soldados (*GJ*: IV, 39-48). Fala do futuro imperador que pretendendo consolar suas tropas diante das dificuldades da guerra

exalta a disciplina e a ciência romana, fatores que os diferenciavam dos judeus bárbaros.

Discurso do sacerdote Ananes ao povo de Jerusalém (*GJ*: IV, 163-192). O poder romano é examinado pelo sacerdote que qualifica essa servidão como uma relação política com regras e respeito. A situação imposta pelos zelotes, ao contrário, caracterizava uma servidão sem regras, uma tirania gratuita.

Discurso de Tito aos soldados (*GJ*: V, 120-127). Tito discursa aos seus comandados exaltando a unidade, disciplina, experiência e ordem romana. Os êxitos judaicos são frutos de artimanhas de um povo que luta com desespero.

Discurso de Flávio Josefo aos amotinados de Jerusalém (*GJ*: V, 375-419). Tentando uma rendição da cidade, Josefo discursa aos judeus ressaltando a alteridade que marcaria os dois povos. Os romanos respeitavam os cultos das nações subjugadas. Em contrapartida os judeus ocupavam o Templo, profanando o sagrado recinto e a Lei. A tese do favorecimento divino é retomada, e Josefo se vale de exemplos históricos para argumentar que os judeus não devem se rebelar, pois esta também seria uma guerra contra Deus.

Discurso de Eleazar aos amotinados de Massada (*GJ*: VII, 323-388). O discurso de Eleazar pretende creditar certa nobreza bélica aos judeus, apresentando em pormenor a opção do martírio e do suicídio. É o único grande discurso apresentado na *Guerra* de um personagem "inimigo". É o discurso do arrependimento. Tece um elogio à liberdade e ao sacrifício pela vontade divina. O espanto romano diante de tal zelo também é verificado.

30

## Conclusão

É certo que a historiografia clássica costumava abordar temas contemporâneos ou quase contemporâneos. Tal característica estava ligada à estrutura do gênero *História* na Antiguidade, a *autopsia*, assim como à valorização que seus leitores e escritores davam aos assuntos contemporâneos. Momigliano (1984, p. 49) afirma que os leitores tendiam a dar mais créditos aos escritos e fontes recentes e que os historiadores se vangloriavam de serem testemunhas e relatores de acontecimentos importantes, *acompanhados in loco*, o que abria espaço para autoelogios sobre a excelência de seus trabalhos e reflexões imediatas sobre experiências recentemente apreendidas. Josefo atendeu a todas essas categorias, pois voltou ao acontecimento chave da história recente dos judeus e para a eleição dos Flavianos ao trono de Roma. Em todos os aspectos suas preocupações são contemporâneas, pois mesmo quando Josefo discutia o passado político da Judeia na *Guerra*, deixava claro que sua digressão foi determinada pela preocupação de interpretar o presente.<sup>9</sup> Ele também escreveu para um público judeu e gentil interessado em informações sobre guerra, debatendo com outros relatos e preocupado em defender sua etnia e sua própria pessoa.

<sup>9</sup> A mesma preocupação encontramos em Tucídides, mais uma vez estabelecido como modelo da história política que Josefo procura fazer. Sobre a investigação do passado com vistas ao presente: "Tucídides não tinha em mira fazer um relato da história do passado remoto, mas uma argumentação em que, estudando-o, destaca os pontos que interessam à sua demonstração. Refletindo sobre os indícios que descobre quando se detém no exame dos dados que tem à disposição, infere conclusões que proporcionam uma nova visão dos tempos antigos" (PRADO 1999: XLII).

Outra característica comum à grande parte da historiografia antiga é o estudo de mudanças ocasionadas por guerras ou revoluções (MOMIGLIANO 1984, p. 53). Assim foi com Tucídides, que se ocupou da Guerra do Peloponeso, com Políbio, testemunhando a queda de Cartago, e, de maneira bastante próxima, com Flávio Josefo. Seu estudo da guerra entre Roma e a Judeia funcionou como uma relação das mudanças sofridas e vividas pelos judeus palestinos desde o aparecimento dos romanos em suas questões domésticas. Nesse sentido, apesar de os interesses aristocráticos colocarem em suspeita sua abordagem das camadas populares judaicas (HORSLEY; HANSON 1995, p. 13), Josefo foi extremamente eficiente em diagnosticar que a sociedade da Palestina judaica estava radicalmente cindida, dividida entre muitos grupos que tinham claras e aprofundadas noções da realidade experimentada com a dominação romana em conluio com os aristocratas locais. E tal esfacelamento do tecido social acentuou as divisões e degingolou para uma rebelião popular.

Concluindo, temos então um quadro de correspondências entre os esquemas gerais da *Guerra* e a historiografia antiga clássica: uma autópsia interessada num evento contemporâneo, evento esse classificado como grandioso (o princípio axiológico da narrativa – a questão da grandeza),<sup>10</sup> a utilização de discursos, o descrédito que obras anteriores recebem e a interpretação de uma mudança radical produzida por uma rebelião seguida de guerra.

31

## Bibliografia

### Fontes

JOSEPHUS, Flavius. **The Jewish War**. London: Loeb Classical Library, 1961-1967.

\_\_\_\_\_. **The Life. Against Apion**. London: Loeb Classical Library, 1997.

\_\_\_\_\_. **Jewish Antiquities**. London: Loeb Classical Library, 1960-1961.

### Livros e artigos

BILDE, Per. Flavius Josephus between Jerusalem and Rome. **Journal for the Study of the Pseudepigrapha**, Supplement Series 2, 1988.

DOBRORUKA, Vicente. Considerações sobre o conceito de *stasis* na obra de Flávio Josefo. **Boletim do CPA**, 12:25-40. Campinas, jul./dez., 2001.

EUSÉBIO DE CESARÉIA. **História eclesiástica**. São Paulo: Paulus, 2000.

GOODMAN, Martin. **A classe dirigente da Judeia**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

<sup>10</sup> Sobre esta questão, uma abordagem rica e precisa da historiográfica clássica pode ser encontrada em Murari Pires (1999:151-180).

- HADAS-LEBEL, Mireille. **Massada**: Histoire et Symbole. Paris : Albin Michel, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Flávio Josefo**: o judeu de Roma. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- HORSLEY, Richard A.; HANSON, John S. **Bandidos, profetas e messias**: Movimentos populares no tempo de Jesus. São Paulo: Paulus, 1995.
- LAMOUR, Denis. **Flávio Josefo**. São Paulo: Estação Liberdade, 2006.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. **De paganos, judíos y cristianos**. México: Fondo de Cultura Económica, 1984.
- MURARI PIRES, Francisco. **Mithistória**. São Paulo: Humanitas Publicações, 1999.
- PRADO, A. L. A. A. Introdução. In: TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**: livro I. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- RAJAK, Tessa. **Josephus**: the Historian and his Society, Classical Life and Letters. Duckwoth: Londres, 1983.
- RHOADS, David M. **Israel in Revolution**. Philadelphia: Fortress Press, 1976.
- RODRIGUES, Nuno Simões. **O rei Saul segundo Flávio Josefo**. Lisboa: Edições Colibri, 2000.
- SCHWARTZ, Seth. **Josephus and Judaeen Politics**. New York: E. J. BRILL, 1990.
- THACKERAY, Henry St. John. **Flavius Josèphe**: L'Homme et l'Historien. Paris: Les Éditions du Cerf, 2000.
- \_\_\_\_\_. Introduction. JOSEPHUS, Flavius. **Jewish Antiquities**. London: Loeb Classical Library, 1960-1961
- VIDAL-NAQUET, Pierre. **Los judíos, la memoria y el presente**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1996.
- VILLALBA I VARNEDA, Pere. **The Historical Method of Flavius Josephus**. Leiden: E. J. Brill, 1986.
- YADIN, Yigael. **Masada**: Herod's Fortress and the Zealots' Last Stand. New York: Welcome Rain, 1998.